

A NOÇÃO DE REFERÊNCIA NAS ABORDAGENS SOCIODISCURSIVAS DA CIÊNCIA DA LINGUAGEM

THE NOTION OF REFERENCE IN SOCIO-DISCURSIVE APPROACHES OF LINGUISTICS

Jaqueline Barreto Lé

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Este artigo tem por objetivo investigar a noção de referência com base nas atuais abordagens sociodiscursivas da linguagem, mais especificamente nas teorias de texto, considerando-se os referentes como “objetos do discurso” e o fenômeno anafórico como “processo de referenciação”. Também se propõe a empreender um novo exame da classificação das anáforas indiretas e a estabelecer uma breve discussão acerca das estratégias argumentativas e da acessibilidade no uso dos referentes.

PALAVRAS-CHAVE: referência; processos de referenciação; anáforas indiretas

ABSTRACT

This paper aims to investigate the reference notion based on the recent sociodiscursive and linguistic approaches, especially on the text theories, considering the referents as “discourse objects” and assuming that anaphors are, indeed, “reference processes”. It is also proposed a new exam on the indirect anaphors classification and a brief discussion of the argumentative strategies and accessibility in the use of referents.

KEYWORDS: reference, reference processes; indirect anaphors

INTRODUÇÃO

Na história dos estudos linguísticos, a referência constitui um dos temas mais instigantes e recorrentes e, por isso mesmo, torna-se alvo de novas reflexões e indagações, favorecendo um debate interdisciplinar entre linguistas, lógicos, semioticistas, cognitivistas etc. (LYONS, 1977; FREGE,

1892; LAKOFF, JOHNSON, 1970; LANGACKER, 1987; KLEIBER, 1990, 2001) Tradicionalmente, numa visão lógica oriunda da filosofia da linguagem, ela é vista como uma relação entre as formas linguísticas e os objetos do “mundo real”. Essa postura teórica vem sendo constantemente questionada nas abordagens mais recentes da ciência da linguagem – especialmente nos estudos de base funcionalista –, possibilitando-se uma atualização dos debates sobre questões de referenciação e sentido.

Já há algum tempo na literatura da Linguística Textual a atividade referencial deixou de ser vista como simples etiquetagem de um mundo real e passou a estar ligada ao processamento mental das entidades discursivas por meio da atividade interativa entre os participantes do evento comunicativo. Autores como Apothéoz (2003), Mondada e Dubois (2003), Berrendoner e Reichler-Bégúlin (1995), entre outros, vêm se apoiando no fato de que os referentes são dinamicamente construídos no (e pelo) evento comunicativo, constituindo-se, pois, em *objetos do discurso*. Assim, em vez de se privilegiar a relação entre as palavras e as coisas, desvia-se o foco para as relações intersubjetivas no discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22). De um modo geral, pode-se dizer que a direção assumida pelas abordagens sociodiscursivas da linguagem é contemplada na seguinte afirmação de Marcuschi (2004):

Tudo indica que o melhor caminho não é analisar como representamos, o que representamos nem como é o mundo ou a língua e sim que processos estão envolvidos na atividade de referenciação em que a língua está envolvida. Não vamos analisar se o mundo é ou não discretizado nem se a língua é um conjunto de etiquetas ou não. Vamos partir da ideia de que o mundo e o nosso discurso são constantemente estabilizados num processo dinâmico levado a efeito por sujeitos sociocognitivos e não sujeitos individuais e isolados diante de um mundo pronto. (MARCUSCHI, 2004, p. 270)

No que tange ao tratamento teórico das expressões referenciais anafóricas, alguns trabalhos mais recentes como os de Koch (2001), Koch e Marcuschi (1998), Cavalcante (2003) revelam, ainda, que já se foi a época em

que o mecanismo anafórico era visto única e exclusivamente sob o prisma da correferencialidade entre dois elementos pontuais da superfície textual. Os processos anafóricos indiretos de referenciação, que se desvinculam da noção de retomada co-textual, muito embora apresentem a continuidade referencial – e por isso mesmo são chamados de *anafóricos* – são cada vez mais focalizados nos estudos de referenciação, ampliando-se não só a noção de referência, mas também a visão funcional das expressões referenciais.

Para focalização da temática geral da referência, neste estudo serão abordados os seguintes aspectos: (1) instabilidade dos constituintes referenciais; (2) classificação dos processos de referenciação (mais precisamente *de referenciação indireta*); (3) relação entre referenciação e atividade argumentativa; (4) acessibilidade dos referentes.

1 A instabilidade das categorias: da referência à referenciação

Mondada e Dubois (2003, p. 20) opõem duas visões de como a língua se refere ao mundo: uma concepção de base filosófica e realista, expressa pela metáfora do espelho, segundo a qual as estruturas linguísticas refletem diretamente as coisas, e outra concepção, apoiada em alguns princípios fenomenológicos, de acordo com a qual as categorias comportam uma instabilidade constitutiva. Sob este prisma, pode-se dizer que as práticas linguísticas não são “imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo”.

Os referentes – concebidos pelas autoras como “objetos do discurso” – podem, portanto, ser vistos como construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas processadas na instância discursiva. E, em tal perspectiva, seria mais adequado falar em *referenciação* do que em *referência*, de modo a ressaltar a ideia de processo que caracteriza o ato de referir. Nada teria, portanto, uma segmentação *a priori*: tanto as categorias discursivas quanto as cognitivas podem evoluir e se modificar de acordo com um contexto ou ponto de vista. As opções lexicais se reconstróem e se ajustam ao que está sendo negociado entre os interlocutores, dependendo de seus propósitos enunciativos.

Com efeito – no lugar de partir do pressuposto de uma segmentação *a priori* do discurso em nomes e do mundo em entidades objetivas, e, em seguida, de questionar a relação de correspondência entre uma e outra – parece-nos mais produtivo questionar os próprios processos de discretização. Desejamos, além disso, sublinhar que, no lugar de pressupor uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização”. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 19)

Ao tratar da instabilidade inerente às categorias e à prática discursiva, as autoras ressaltam que ela é diretamente ligada às propriedades intersubjetivamente negociadas das denominações e categorizações no processo de referenciação. Os processos de estabilização decorrentes da apreensão dos objetos do discurso são vistos como processos “que se desenvolvem no seio das interações individuais e sociais com o mundo e com os outros, e por meio de mediações semióticas complexas”. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22)

Um dos processos de estabilização discursiva apontados pelas referidas linguistas é a referenciação anafórica. Como elas assinalam, a anáfora pode ser vista tanto como um modo de ilustrar tipicamente o problema dos referentes evolutivos (CHAROLLES, 1994) quanto como uma forma de estabilizar ou de focalizar uma denominação particular, excluindo para isso outras possibilidades, mesmo se elas estiverem potencialmente disponíveis no texto.

2 Por uma classificação dos processos de referenciação indireta

Cavalcante (2003) destaca que as expressões referenciais podem ser divididas em dois grandes grupos: (a) *expressões sem continuidade referencial*, que apresentam exclusivamente a função de introduzir referentes novos no discurso; (b) *expressões com continuidade referencial*, que podem apresentar ou não uma retomada co-textual, a depender das estratégias de ativação de referentes novos ou reativação de referentes já mencionados no discurso.

Neste segundo grupo incluem-se, segundo a autora, todos os casos de processamento anafórico, com ou sem retomada. Os exemplos a seguir, extraídos da página do twitter do jornal O Globo¹, ilustram esses dois tipos de expressão referencial.

(1)

JornalOGlobo **Bronzeamento artificial** volta a ser proibido no Brasil inteiro <http://tinyurl.com/yc6nl8n> about 2 hours ago from web

(2)

JornalOGlobo Haiti encerra buscas por **sobreviventes** do terremoto. Desde o dia 12, foram **132 resgatados com vida** <http://tinyurl.com/y8wfq2a> about 3 hours ago from web

JornalOGlobo **Quatro pousadas** na **Ilha Grande**, que estavam interdidadas desde a **tragédia do réveillon**, já podem receber **turistas** <http://tinyurl.com/ydlzw63> about 23 hours ago from web

Em (1), vê-se que a expressão *bronzamento artificial* apenas introduz referente novo do discurso, exercendo o papel de apresentar o tema sem promover continuidade de referentes. Já os exemplos apresentados em (2) revelam uma continuidade referencial ora por meio de reativação de referentes já conhecidos no discurso (*sobreviventes – 132 resgatados com vida*), ora por meio da ativação de novos referentes cuja interpretação é ancorada co-textualmente, por exemplo, através de esquemas cognitivos (*quatro pousadas – turistas*) e/ou de conhecimentos do mundo textual (*Ilha Grande – a tragédia do réveillon*). Assim, neste segundo grupo, quando não se caracteriza uma reativação de referentes já mencionados co-textualmente, tem-se um *processo de referenciação indireta*, podendo este ser ancorado em relações semânticas léxico-estereotipadas, em esquemas cognitivos e/ou em conhecimentos do mundo textual dos interlocutores.

1 Todos os exemplos apresentados neste trabalho foram extraídos de páginas da web, no twitter oficial de dois jornais nacionais (bem como de colonistas), *O Globo* e *Folha de São Paulo*, em suas respectivas versões eletrônicas, no período de 6 de janeiro a 6 de fevereiro de 2010.

A expressão *anáfora indireta* passa a ser fortemente utilizada a partir do final dos anos noventa por autores como Schwarz (2000), Marcuschi (2005), Koch e Marcuschi (1998) para se referirem aos processos anafóricos que, diferentemente da *anáfora tradicional*, não mantêm vínculo com a noção de retomada, muito menos com a noção de correferencialidade. Alguns traços típicos desse tipo de *anáfora* são: (a) a ativação de *referentes novos* como se fossem velhos; (b) a motivação ou *ancoragem* no universo textual. Tais características acabaram por ampliar, sem dúvida, o escopo teórico dos estudos sobre o processamento anafórico.

A classe das *anáforas indiretas* representa um desafio teórico e obriga a abandonar a maioria das noções estreitas de *anáfora*, impedindo que se continue confinando-a ao campo dos pronomes e da referência em sentido estrito. Ameaça noções de texto e coerência hoje no mercado, constituindo um problema central para as teorias formais da referência, sendo ignorada pelos gerativistas. Por fim, reintroduz no contexto da gramática aspectos sociocognitivos relevantes que permitem repensar tópicos gramaticais na interface com a semântica e a pragmática. (MARCUSCHI, 2005, p. 54)

É interessante mencionar que a *anáfora indireta* também promove, como em todos os casos de processamento anafórico, uma continuidade temática ou referencial². Ainda que não haja uma retomada de antecedente explícito no co-texto, persiste um vínculo de continuidade temática entre os referentes que auxilia o trabalho interpretativo. Assim, trata-se de “um caso de *referência textual*, isto é, de construção, indução ou ativação de referentes no processo textual-discursivo que envolve atenção cognitiva conjunta dos interlocutores e processamento local”. (MARCUSCHI, 2005, p. 54).

Ao comentar a diferença de processamento entre *anáforas diretas* e *indiretas*, Marcuschi (2005, p. 57), inspirado no esquema apresentado em Webber (1988), menciona que, no primeiro caso, um *SNa* evoca e especifica

2 Na abordagem proposta por Marcuschi (2005), encontra-se uma equivalência entre as noções de *continuidade temática* e *continuidade referencial*.

um referente (Ea), sendo que um outro SNb apenas co-refere ou co-específica, mas não introduz um novo referente. Já no segundo caso, o das anáforas indiretas, tanto o SNa como o SNb evocam e especificam um referente próprio (Ea e Eb), porém a relação entre os dois não é aleatória, estando fundamentada cognitiva e discursivamente por algum tipo de associação ou inferência.

Nos exemplos (3) e (4) estabelece-se facilmente a distinção entre os dois tipos de processamento mencionados. Em (3) a relação anafórica é direta, por retomada pronominal, envolvendo correferencialidade com um antecedente explícito (*Lula*)³. Já em (4), há ativação de referente novo (*os médicos*) ancorada em um elemento co-textual (*quadro clínico*), sem implicar retomada ou igualdade de referentes. Tem-se, aí, uma associação indireta, pautada em modelos mentais relacionados ao esquema cognitivo *quadro clínico – os médicos*, a partir do qual se depreende o referente em questão (os médicos que assistiam a jornalista).

(3)

JornalOGlobo Na reunião ministerial, **Lula** volta a defender eleição plebiscitária para comparar governo dele ao de FH <http://tinyurl.com/yqcq35fw> 3:07 PM Jan 21st from web

(4)

folhadesp Jornalista sobrevivente da tragédia de Angra (RJ) tem **quadro clínico** estável: Os médicos disseram nesta sexta-feira... <http://bit.ly/7JNCae> 1:37 PM Jan 8th from twitterfeed

Uma vez compreendida a natureza específica de cada um dos processos aqui apontados, pode-se apresentar finalmente uma definição provisória de anáfora indireta sugerida por Schwarz (2000) e adotada por Marcuschi (2005, p. 59), a qual, pelo menos até o momento, parece dar conta mais amplamente do fenômeno em questão.

3 Embora o exemplo apresentando em (5) seja de natureza pronominal, deve-se ressaltar que a anáfora direta pode ocorrer, também, por meio da repetição de SNs plenos, caracterizando-se uma relação de correferencialidade entre o SNa e o SNb .

No caso da *Anáfora Indireta* trata-se de expressões definidas [e expressões indefinidas e pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões ou informações constantes da estrutura textual precedente [ou subsequente] e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global. (MARCUSCHI, 2005, p. 59)

O aspecto da *tematização remática* (Schwarz, 2000), embora não esteja diretamente apontado na definição acima apresentada, é outro traço importante das anáforas indiretas, já que as mesmas promovem, de certo modo, uma estratégia simultânea de *ativação-reativação* na continuidade do domínio referencial. Esse recurso, obviamente, se distingue da simples reativação correferencial de um antecedente explícito, tal como ocorre nas anáforas diretas. O exemplo apresentado a seguir, em (5), evidencia essa característica dos processos indiretos de referenciação. Nota-se que há a ativação de um referente novo (*a cozinha de vanguarda*) cuja identificação está atrelada à reativação de referentes previamente apresentados no contexto (*comida simples e caseira, bananas, feijões*), sem que necessariamente se estabeleça um laço correferencial. Em outras palavras, apresenta-se algo novo (*tema*), mas que indiretamente se associa a elementos já dados (*rema*) na superfície textual.

(5)

folhadesp Comida simples e caseira entra em alta em 2010, com bananas e feijões : A cozinha de vanguarda perderá terreno, e o... <http://bit.ly/8WYBR3> 10:33 AM Jan 8th from twitterfeed

Assim, Marcuschi (2005a, p. 60), baseado em Schwarz (2000), afirma que as principais características dos processos de referenciação indireta podem ser assim resumidas: (a) inexistência de uma expressão antecedente ou subsequente para retomada e presença de uma *âncora*; (b) ausência da relação de co-referência entre a âncora e o elemento anafórico, dando-se

apenas uma estreita relação conceitual; (c) a interpretação anafórica se dá com uma construção de novo referente (ou conteúdo conceitual) e não como uma busca ou reativação de referentes prévios por parte do receptor; (d) a realização da anáfora indireta se dá normalmente por elementos não pronominais, sendo menos comum a sua realização pronominal.

2.1 Tipologia das anáforas indiretas

Se o estudo da anáfora indireta corresponde a um verdadeiro desafio teórico nos estudos de referenciação, grande parte de tal dificuldade se deve à imprecisão ou à oscilação na tarefa de determinar quais os tipos ou subtipos válidos para essa forma de processamento anafórico. Sendo assim, servirão aqui como ponto de partida os seis subtipos apresentados por Marcuschi (2005), a fim de se apresentar, posteriormente, três classes maiores de referenciação indireta: as *anáforas associativas*, as *anáforas pronominais esquemáticas* e os *encapsulamentos*.

Apoiado em Schwarz (2000), Marcuschi (2005) adota a divisão das anáforas indiretas em dois grupos principais: *tipos semanticamente fundados* e *tipos conceitualmente fundados*. Com base nesses dois grandes grupos e fazendo algumas reformulações na classificação apresentada pela autora, ele chega a seis subtipos básicos: (a) *AI baseadas em papéis temáticos dos verbos*; (b) *AI baseadas em relações semânticas inscritas nos SNs definidos*; (c) *AI baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais*; (d) *AI baseadas em inferências ancoradas no modelo do mundo textual*; (e) *AI baseadas em elementos textuais ativados por nominalizações*; (f) *AI esquemáticas realizadas por pronomes introdutores de referentes*.

(a) *AI baseadas em papéis temáticos dos verbos*

Trata-se de uma associação indireta pautada nos papéis temáticos dos verbos, que servem como âncora do processamento anafórico. Na realidade, este subtipo funda-se diretamente na relação semântica entre o verbo e os seus argumentos, como se vê no exemplo abaixo, no qual o verbo *dirigir* apresenta um de seus argumentos com papel de tema, servindo como âncora para a expressão definida o *veículo*.

(6)

folhadesp Mandar mensagem por celular ao dirigir quadruplica risco de acidente: Uma câmera no interior do veículo... <http://bit.ly/6PqJ3k> about 2 hours ago from twitterfeed

(b) *AI baseadas em relações semânticas inscritas nos SNs definidos;*

Este subtipo de anáfora indireta está relacionado às relações meronímicas inscritas no léxico (relações parte-todo), bem como às conexões por hiponímia, hiperonímia e os campos léxicos. Em (7), a associação indireta, meronímica, se estabelece no léxico, por meio da relação parte-todo entre *novela* (âncora) e *os capítulos*.

(7)

folhadesp **Novela**: Verônica começa a depor em “Bela, a Feia”: A programação está sujeita a alteração devido à edição dos capítulos. <http://bit.ly/4YL9Gz> 11:55 PM Jan 20th from twitterfeed

(c) *AI baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais*

O que promove a continuidade referencial, neste caso, é a série de modelos ou frames mentais estabilizados e armazenados na memória de longo prazo, ativados pelos interlocutores por ocasião do processamento discursivo. Embora não estejam ligados a itens lexicais específicos, tais modelos podem ser ativados pelo léxico, servindo como um mecanismo de ampliação de conhecimentos semânticos. Nos exemplos (8) e (9) tem-se, respectivamente, esquemas ou modelos mentais relativos às expressões nominais *astronautas da Nasa* e *editora americana*. O primeiro frame é ativado indiretamente pelo cenário *astronauta – espaço – missão*. Já o segundo script se apoia na ativação do modelo mental *editora – capa (de livro)*, incluindo-se aí o processo inferencial da relação meronímica *livro – capa* (vista no subtipo anteriormente apresentado)⁴.

4 Assume-se, aqui, o uso indistinto dos termos *esquema*, *frame* e *script* para se referir aos modelos mentais ativados pelos interlocutores por ocasião do processamento discursivo.

(8)

JornalO Globo Astronautas da Nasa vão usar o Twitter direto do espaço. Será possível acompanhar a nova missão em tempo real <http://bit.ly/69EtDR> 3:01 PM Jan 22nd from Power Twitter

(9)

folhadesp Editora americana é criticada por mostrar personagem negra como branca em capa. <http://bit.ly/72s8uL> 2:43 PM Jan 21st from twitterfeed

(d) *AI baseadas em inferências ancoradas no modelo do mundo textual*

Este subtipo de anáfora está ancorado em informações explicitadas no modelo do mundo textual precedente. “Trata-se de anáforas fundadas em conhecimentos retrabalhados por estratégias inferenciais maximizadas pelo conjunto de conhecimentos textuais mobilizados” (MARCUSCHI, 2005, p. 64). Como não estão estritamente ligadas a relações semânticas inscritas no léxico ou a modelos mentais estabilizados, muitas vezes essas anáforas exigem um esforço cognitivo maior em seu processamento. Os exemplos (10) e (11) são ilustrativos das anáforas indiretas ancoradas no modelo de mundo textual. Em (10), a informação apresentada no mundo textual precedente (*BBB10*) serve como âncora para a interpretação e ativação de um novo referente na expressão nominal definida *o paredão*. O mesmo ocorre em (11), quando o sintagma *o terremoto* é ancorado contextualmente pela expressão *o Haiti*.

(10)

folhadesp “*BBB10*”: Tessália articula estratégia para escapar do paredão. <http://bit.ly/6BbzxJ> 2:43 PM Jan 21st from twitterfeed

(11)

JornalO Globo Ministro Celso Amorim decide viajar ao Haiti nesta sexta-feira, dez dias após o terremoto <http://tinyurl.com/ykpxwtj> 1:28 PM Jan 21st from web

(e) *AI baseadas em elementos textuais ativados por nominalizações*

Trata-se de processos de nominalização que remetem a algum verbo ou a porções textuais inteiras que servem como âncoras para interpretação de uma determinada expressão referencial. Sendo um processo anafórico indireto, não há uma retomada de antecedentes pontualizados, mas sim a passagem de um verbo ou porção textual precedente para um nome, evocando-se um novo referente. Pelo seu potencial *encapsulador*, a nominalização *lato sensu* (ou *nomeação*) também inclui os *rótulos*, conforme destacam autores como Cavalcante (2003)⁵ e Zamponi (2003). Sendo assim, embora esse aspecto não seja ressaltado em Marcuschi (2005), registra-se, aqui, a necessidade de se ampliar a percepção do fenômeno em questão, considerando-se essas anáforas indiretas como *encapsuladoras*, seja na forma de *nominalizações*, seja na forma de *rótulos*. Vê-se, em (12), que tal encapsulamento se dá por meio de expressões como *recomendações*, *informações*, *comentários*, referentes a toda uma porção textual anterior que remete ao que dizem os guias de viagem a respeito de São Paulo.

(12)

folhadesp Quando visitar SP, use colírio e evite “ressação”, dizem guias: **Recomendações**, **informações** e **comentários** retirados... <http://bit.ly/5M6L5e> 7:42 AM Jan 21st from twitterfeed

(f) *AI esquemáticas realizadas por pronomes introdutores de referentes*

5 Cavalcante (2003) inclui, em sua proposta classificatória para as expressões referenciais sem antecedente, as *anáforas encapsuladoras*, embora estas não sejam apresentadas pela autora como subtipo de anáfora indireta.

As anáforas indiretas podem ainda ser realizadas, embora menos frequentemente, através de pronomes sem antecedente explícito que se ancoram em algum elemento ou porção co-textual. Marcuschi (2005) também denomina esse subtipo de *anáforas esquemáticas*. Nesse caso, o trabalho inferencial é bastante sofisticado e depende dos conhecimentos de mundo ativados em função do processamento anafórico. Veja o exemplo a seguir, (13), em que o pronome *elas*, embora não tenha antecedente explícito, pode ter seu referente depreendido indiretamente por meio de informações da estrutura textual posterior e de conhecimentos socialmente partilhados pelos interlocutores. Assim, o *elas* seria interpretado como um grupo mais amplo de mulheres, mais especificamente as que se enquadram no perfil da mulher moderna, que exerce múltiplos papéis sociais (mãe, profissional, esposa etc.). Trata-se, então, de um processo indireto, diferente do que ocorre com o pronome *ela*, no mesmo exemplo, cuja interpretação é direta e pontualizada no co-texto, já que retoma anaforicamente o SN *minha mulher*⁶.

(13)

MiriamLeitaoCom Legal. abs p **ela** RT @rcapistra: @
 MiriamLeitaoCom artigo “Elas conseguiram”. mandei p/ **minha mulher**,
 profissional q vive dilema mãevstrabalho. 23 minutes ago from Seismic

Como se vê, considerando-se os seis subtipos mencionados por Marcuschi (2005), as *anáforas associativas*⁷ constituem “parte substantiva” das *anáforas indiretas*, seja na sua concepção estreita, de caráter léxico-estereotipado (KLEIBER, 2001) ou de natureza cognitivo-discursiva (CHAROLLES, 1994), seja na sua concepção ampla, adotada por autores como Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). De um modo ou de outro, Zamponi (2003, p. 73) destaca que “dizer que as anáforas associativas são

6 Embora o antecedente do pronome *ela*, no exemplo em questão, ocupe uma posição posterior na superfície textual, dada a natureza do Twitter, ele não pode ser visto propriamente como “catafórico”, pois o uso de RT (*retweet*) implica a reprodução de um conteúdo já visto anteriormente. Tal aspecto será abordado mais detalhadamente no capítulo 6 deste trabalho.

7 Não se tem por objetivo, neste trabalho, abordar as distinções e subclassificações pertinentes às anáforas associativas *stricto* e *lato sensu*. Um tratamento teórico mais consistente sobre o tema poderá visto em Zamponi (2003)

parte substantiva das anáforas indiretas significa que toda anáfora associativa é indireta, mas nem toda anáfora indireta é associativa”.

Sendo assim, partindo-se de tal premissa, pode-se sugerir, nesta pesquisa, a classificação das anáforas indiretas em três grupos principais: (1) as *anáforas associativas*, que incluem todos os tipos de associação indireta, como aquelas ligadas aos papéis temáticos do verbo, às relações meronímicas instauradas no léxico, bem como aos modelos mentais estabilizados (*frames* ou *scripts*) ou aos modelos do mundo textual; (2) as *anáforas esquemáticas*, que correspondem aos casos de anáfora indireta pronominal sem antecedente; (3) os *encapsulamentos*, que podem ocorrer por meio de nominalizações ou rótulos⁸. A seguir, tem-se um quadro ilustrativo do reagrupamento das anáforas indiretas nos três tipos principais aqui propostos.

| ANÁFORAS INDIRETAS | | |
|---|--|-------------------------------|
| <i>Anáforas associativas</i> | <i>Anáforas pronominais esquemáticas</i> | <i>Encapsulamentos</i> |
| 1 baseadas em papéis temáticos do verbo 2 baseadas em relações meronímicas 3 ativadas por esquemas cognitivos ou modelos mentais 4 ativadas por modelos do mundo textual | 1 anáfora pronominal sem antecedente explícito | 1 nominalizações 2 rótulos |

QUADRO I: Proposta de classificação das anáforas indiretas

3 Referenciação, argumentação e interação discursiva

Ao tratar a referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional, Koch (2001) parte de três pressupostos básicos: (1) a referenciação é uma atividade realizada por sujeitos sociais; (2) os referentes são objetos do discurso construídos no decorrer dessa atividade; (3) o processamento do discurso é estratégico e implica, por parte dos sujeitos ativos envolvidos na comunicação, a realização de escolhas significativas entre as múltiplas atividades que a língua oferece.

⁸ Também em Zamponi (2003) são discutidas algumas questões teóricas específicas que envolvem a distinção entre *nominalização (stricto sensu)* e *rótulo*, sendo ambos considerados aqui como *anáforas indiretas encapsuladoras*.

Considerando, ainda, o potencial argumentativo no uso das expressões nominais referenciais, Koch (2001, p.76) assinala que, ao se colocar em ação a estratégia de descrição definida, “opera-se uma seleção entre propriedades passíveis de serem atribuídas a um referente, daquela(s) que, em dada situação discursiva, é (são) relevantes para o locutor, tendo em vista a viabilização do seu projeto de dizer.” Desse modo, assumindo tal perspectiva, a argumentação discursiva também pode, sem dúvida, ser acionada, reforçada e reestruturada por meio de estratégias referenciais. Esse aspecto é bastante claro em processos de continuidade referencial com retomada (*anáforas diretas*), como se vê nas recategorizações apresentadas em (14), mas também se dá, ainda que em menor escala e de modo mais sutil, na atividade inferencial das expressões nominais sem retomada (*anáforas indiretas*). Desse modo, a ação de “referir” e construir um dado objeto do discurso é motivada, em última instância, pela imagem referencial que o falante pretende ativar discursivamente, envolvendo, sem dúvida, aspectos histórico-sociais e ideológicos.

(14)

folhadesp Roberto Carlos vê evolução no Corinthians e diz que não é maldoso: Um dos melhores jogadores em campo na goleada s... <http://bit.ly/bkWu2v> about 9 hours ago from twitterfeed

folhadesp Atirador se suicida após matar três em fábrica, diz polícia: Um trabalhador descontente envolvido em uma disputa s... <http://bit.ly/4C1Udt> 10:18 PM Jan 7th from twitterfeed

Como se observa nos exemplos acima, a recategorização das expressões nominais *Roberto Carlos* e *atirador* se dá, respectivamente, pelo uso de uma expressão referencial com retomada (respectivamente, *um dos melhores jogadores* e *um trabalhador descontente*) capaz de revelar uma orientação argumentativa do produtor do texto. Em se tratando de um discurso produzido na página do twitter do jornal Folha de São Paulo, ambas as recategorizações tendem a sinalizar, de algum modo, a perspectiva ou ponto de vista (esportivo, político, econômico, cultural etc.) do jornal, o que faz

com que, intencionalmente, determinadas imagens ou enquadres sejam delimitados para os referentes em questão.

No entanto, não é só nos processos de referenciação com retomada que esse aspecto funcional das expressões nominais se manifesta. Há também, em alguns casos de referenciação indireta – em especial nas anáforas associativas e encapsuladoras – um claro direcionamento argumentativo do falante nas escolhas lexicais que se dão na sua ativação dos objetos do discurso, como se nota em (15). E, uma vez que tal construção nunca é unilateral, o entendimento dessas estratégias precisa ser continuamente ratificado e testado pelos interlocutores discursivos.

(15)

folhadesp Angélica bebe além da conta e tenta beijar colegas no “BBB10”: Na manhã deste domingo, o **alvorço** causado por Angé... <http://bit.ly/9YGhTp> about 5 hours ago from twitterfeed

folhadesp Após negociação frustrada, Palmeiras anuncia volta de Deyvid Sacconi: Uma notícia surpreendente foi divulgada pela... <http://bit.ly/bKoHJ1> about 4 hours ago from twitterfeed

Os encapsulamentos vistos em (15) sugerem um processo indireto de referenciação por meio das expressões *o alvorço* e *uma notícia surpreendente*. No primeiro caso, a orientação argumentativa está direcionada para o valor comportamental expresso por verbos situados anteriormente na cadeia contextual (beber além da conta/tentar beijar colegas). No segundo exemplo, a expressão *uma notícia surpreendente* também resume ou rotula toda uma ação previamente elaborada na superfície textual, assumindo valor argumentativo através de modificadores como *surpreendente*. Além desses encapsulamentos, anáforas associativas igualmente podem revelar uma ação argumentativa estratégica em seu processamento, sobretudo no que concerne à seleção dos itens lexicais, conforme se verifica em (16). Em tal exemplo, a escolha de expressões onomatopéicas como *o au au au* e *o miau miau* não é gratuita, indicando um esquema associativo com *penas*, *pelos*, *escamas*, de forma que o cenário relativo ao mundo animal é cognitivamente ativado. O uso das

expressões onomatopaicas na ativação do referido modelo mental reforça o direcionamento argumentativo voltado para a linguagem infantil.

(16)

folhadesp Leve as crianças para passear entre penas, pelos e escamas: Não é só o "au au au" e o "miau miau" que podem ser ouvido... <http://bit.ly/cuesM5> about 5 hours ago from twitterfeed

De um modo geral, pode-se dizer que o processamento anafórico - enquanto atividade cognitivo-discursiva e interacional - implica o reconhecimento de ações estratégicas por parte de sujeitos ativos que, por meio de suas escolhas referenciais, terminam por conduzir, direta ou indiretamente, a argumentação discursiva. Mesmo em textos curtos como aqueles encontrados no Twitter, com 140 caracteres, nota-se que as redes referenciais (com ou sem retomada) são frequentemente acionadas com vistas aos propósitos comunicativos do falante e contribuem para o potencial multifuncional das expressões nominais.

É preciso ter em mente, claro, que interação discursiva se dá na construção de sentidos mediados pelos interlocutores da comunicação, sempre pautada em pontos “instáveis” e “dinâmicos” da teia referencial. Desse modo, o processamento de referentes, com ou sem retomada, não só diminui a sua “a instabilidade constitutiva” (MONDADA; DUBOIS, 2003), mas também expande o seu potencial funcional por meio dos sentidos ativados discursivamente. Sem a colaboração mútua dos interlocutores, as estratégias de argumentação, por exemplo, não seriam reforçadas pela apreensão dos objetos do discurso e, conseqüentemente, os propósitos comunicativos teriam de ser revistos.

4 Sobre a acessibilidade dos referentes no discurso

Cavalcante e Koch (2007, p. 9) destacam que, do ponto de vista sociocognitivo, grande parte das pesquisas recentes sobre referenciação “tem vinculado o emprego das formas de expressão referencial a critérios de ativação e atenção, de menção no cotexto e de identificabilidade”.

Numa perspectiva funcionalista, a acessibilidade dos referentes pode

estar relacionada a determinadas escalas de acesso cognitivo, que, segundo Chafe (1987), corresponderia ao *fluxo informacional*. Pode, também, estar atrelada, ao *status informacional* das entidades do discurso, de acordo com a abordagem textual-discursiva de Prince (1981). De um modo geral, vê-se que essa escala de acessibilidade apresenta uma tripartição das categorias discursivas, que, para Prince, se classificariam textualmente em entidades *novas*, *inferíveis* e *evocadas*, enquanto que, para Chafe, revelariam o fluxo de consciência do falante/ouvinte por meio dos estados de ativação (*ativo*, *semiativo* e *inativo*)

A hipótese básica desses funcionalistas, e de outros, como Givón (1990, por exemplo), é que o fluxo informacional tem efeitos imediatos na estrutura gramatical das manifestações discursivas: informações dadas são, geralmente, codificadas de forma econômica na língua, enquanto que informações novas tendem a se manifestar em sintagmas nominais plenos. Defende Du Bois (1985) que existem padrões bem definidos para a introdução de uma informação nova e para a condução de informação dada no discurso. (CAVALCANTE; KOCH, 2007, p. 10)

O exemplo visto em (17) revela essa interferência do fluxo ou status informacional na forma gramatical das manifestações discursivas. Por ser um exemplo extraído do Twitter, deve-se considerar, inicialmente, o uso que aí se faz do retweet (RT), que vem como primeiro foco de atenção do falante (escritor/leitor), o que faz com que processos referenciais anafóricos assumam a feição de catafóricos. Sendo assim, formas novas ou inativas (*O Espaço Aberto*) e semiativas (*uma conversa*), tenderiam a se manifestar por meio de sintagmas nominais plenos, ao passo que formas ativas ou evocadas (ϕ , forma zero de *ele*) geralmente são apresentadas de modo econômico na língua, sobretudo por meio das formas pronominais.

(17)

MiriamLeitaoCom ϕ Repete hoje as 16h30. Quem não viu ϕ : *uma conversa*

com demógrafos s/ gente, população RT @CarolVolpi: O Espaço Aberto de ontem foi ótimo! 9:54 AM Jan 8th from Seismic

Uma relação também pode ser feita entre o fluxo informacional e o tipo de processo referencial envolvido no discurso. De um modo geral, nota-se que apenas os elementos ativos (em foco) e semiativos (periféricos) se vinculariam a âncoras co-textuais ou situacionais, incluindo-se aí os casos de progressão referencial (anáfora). Assim, no que tange aos processos referenciais, e não meramente às formas de expressão, Cavalcante e Koch (2007) destacam que, “o que se considera como anáfora, que, a nosso ver, precisa ter sempre uma âncora de qualquer espécie no cotexto, só poderia situar-se na consciência focal ou periférica” (CAVALCANTE; KOCH, 2007, p. 12). Os referentes inativos (da memória de longo prazo), por sua vez, segundo as autoras, não estariam ancorados em pistas co-textuais, pois correspondem a elementos novos no discurso. “Os demais casos de referência não-anafórica, isto é, o que temos chamado de introduções referenciais puras, mas especificamente as não-dêiticas, estariam localizadas na memória de longo termo conceitos inativos”. (CAVALCANTE; KOCH, 2007, p. 12-13)

Em (18), observam-se esses tipos de expressões referenciais (com continuidade e sem continuidade), anafóricas e não-anafóricas, associados ao fluxo informacional. Assim, expressões como *Radar*, introduzida como elemento novo, situado na memória de longo prazo do falante, são vistas como introduções referenciais, sem continuidade. Por outro lado, categorias da consciência focal ou da memória periférica, associadas de algum modo ao co-texto (por meio de uma âncora), com ou sem retomada, revelam processos referenciais com continuidade, caso típico das anáforas. É o que ocorre com as expressões *veículo* (de conteúdo semiativo, inferencial) e *automóveis, motocicletas* (de conteúdo já ativo), associados por meio de uma relação de hiperonímia.

(18)

folhadesp Radar vai “dedar” veículo que não fez inspeção ambiental em SP: Do 1,9 milhão de automóveis e motocicletas matricu... <http://bit.ly/7QynNB> about 2 hours ago from [twitterfeed](#)

Segundo Cavalcante e Koch (2007), essa correspondência entre funções referenciais e fluxo informacional não deve ser vista, no entanto, como motivação principal das classificações propostas por Chafe (1987) e Prince (1981), razão pela qual qualquer correlação estabelecida em tal perspectiva seja, de certa forma, limitada.

[...] essas definições de acessível, novo e dado não se fundavam exatamente em funções referenciais que um determinado conteúdo com um dado *status* informacional poderia exercer no discurso; apenas diziam respeito à escolha de diferentes formas de realização de sintagmas nominais a partir de uma possível correspondência, *a priori*, entre *status* cognitivo e manifestação formal de um referente. (CAVALCANTE; KOCH, 2007, p. 13)

Outra tripartição - esta já voltada especificamente para o processamento referencial no discurso - é encontrada em Koch (2004, p. 62), que distingue três tipos de processo envolvendo o referente: a *construção/ativação*, a *reconstrução/reativação* e a *desfocalização/desativação*. Na *construção/ativação*, um elemento novo é introduzido e passa a ser focalizado (cognitivamente) na rede conceitual do modelo de mundo textual, o que corresponderia a um caso de *introdução referencial*. Na *reconstrução/reativação*, um elemento já presente na memória discursiva é reintroduzido por meio de uma forma referencial, fazendo que esse objeto do discurso continue saliente (em foco). Isso ocorre, em geral, nos casos de progressão referencial, ou seja, de anáfora, com ou sem retomada (diretas ou indiretas). Por fim, no processo de *desfocalização/desativação*, um novo elemento é introduzido, passando a ocupar posição focal na memória discursiva, porém um elemento retirado do foco permanece em *stand by*, podendo voltar à posição focal, a

depende da necessidade dos interlocutores no processamento discursivo. Em (19) observam-se essas três situações de processamento do referente: construção/ativação (*Joaquim Nabuco*, que corresponde à introdução de referente novo no discurso, passando a estar em foco na memória discursiva), reconstrução/reativação (*o abolicionista/certas figuras públicas*, que reativam ou reconstróem um referente já focalizado anteriormente) e desfocalização/desativação (*livro com correspondências do abolicionista*, que, uma vez desativado, poderá entrar em foco novamente no discurso, em função da necessidade interpretativa ao longo da notícia).

(19)

folhadesp Centenário da morte de Joaquim Nabuco terá livro com correspondências do abolicionista : De certas figuras públicas ... <http://bit.ly/5TWjY9> 6:54 AM Jan 9th from twitterfeed

Vê-se, portanto, na tripartição apresentada por Koch (2004), uma classificação mais voltada para o desenvolvimento da organização textual-discursiva, ou seja, “uma preocupação com a evolução do estatuto cognitivo-referencial da entidade ao longo do desenvolvimento discursivo e não com uma correlação engessada, estabelecia em abstrato, entre status informacional e formas de manifestação linguística.” (CAVALCANTE; KOCH, 2007, p. 17)

É importante lembrar, ainda, que as tripartições aqui abordadas, voltadas ou não para o processamento referencial no discurso, estão distantes de uma classificação consensual que possa dar conta dos diversos tipos de anáfora na sua correlação com o processamento cognitivo dos referentes. Como lembram Cavalcante e Koch (1997, p. 19), “o que traz alguma ameaça a essas classificações é o estatuto das anáforas indiretas”, que representariam, na verdade, um processo concomitante de *ativação* de um novo referente e uma *reativação* de uma determinada âncora contextual.

Enfim, Cavalcante e Koch (2007, p. 37) assinalam que todas essas descrições “guardam em comum o fato de proporem algum tipo escala de estatutos cognitivos a que se relacionam tipos distintos de expressões referenciais”. As autoras também acreditam que talvez a classificação deva

se basear não propriamente na correlação com as formas referenciais, mas na diferença entre processos de referenciação anafórica e dêitica, mais especificamente. Além disso, concordam com Ariel (2001), quando assinalam a dificuldade de se relacionar formas específicas de designação de referentes a uma origem cognitiva única, de vez que “nenhuma classificação binomial ou trinomial poderia dar conta das amplas possibilidades de variação contextual.” (CAVALCANTE; KOCH, 2007, p. 37)

5 Considerações finais

Neste estudo, viu-se que, além de parecer adequado o acompanhamento das indagações acerca da noção tradicional de referência, as *anáforas indiretas* constituem, ainda, um desafio entre os temas que atualmente fazem parte do escopo da Linguística Textual. As recentes abordagens apresentadas por pesquisadores brasileiros (MARCUSCHI, 2005, KOCH, 2001, CAVALCANTE; KOCH, 2007, entre outros) surgem, assim, como um diferencial em um terreno fértil para novos posicionamentos e descobertas. Sem dúvida, dada a natureza teórica das anáforas indiretas, as diferentes propostas e classificações servem como aspecto motivador no caminho epistemológico a ser trilhado por estudiosos dos mecanismos funcionais do uso da língua.

Nota-se, também, que a função de recategorização argumentativa pode sim ser realizada, nos processos de referenciação, apenas por meio do nome-núcleo ou pelo acréscimo de modificadores axiológicos (positivos ou negativos). “O discurso, à medida que alimenta a memória discursiva, fornece uma representação de seus estádios sucessivos, particularmente formatando as expressões referenciais, que nesse sentido, operam como chaves (*clues*)” (KOCH, 2001, p. 87). Tal representação é, portanto, modificada e manipulada na dinâmica discursiva, sendo as expressões referenciais, certamente, “um dos lugares onde a manipulação é não só possível como visível”. Dizendo de outra forma e concordando com Koch (2001), as expressões referenciais (com ou sem retomada) não apenas “referem”, mas também, orientam e re-significam as representações discursivas, revelando uma multifuncionalidade que contribui para a argumentação e embasamento de pontos de vista dos interlocutores.

REFERÊNCIAS

ARIEL, M. Accessibility theory: na overview. In: SANDERS, T.; SCHILPEROORD, J.; SPOOREN, W. (Org.) *Text representation: linguistic and psycholinguistic aspects*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2001, p. 29-92

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CALVACANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

APOTHÉLOZ, Denis; PEKAREK DOEHLER, Simona. Nouvelles perspectives sur la référence: dès approches informationnelles aux approches interactionnelles. *VERBUM*. XXV. 2003. p. 109-136.

BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉGUILIN, Marie-José (eds.). Du syntagme nominal aux objets de discours: SN complexes, nominalisations, anaphores. *TRANEL*. Vol. 23. Neuchatel. Institute de Linguistique de l'Univesité de Neuchatel. 1995.

CAVALCANTE, Mônica M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas. 44. Jan-jun 2003. p. 105-118.

CAVALCANTE, Mônica M.; KOCH, Ingedore G. V. A acessibilidade de referentes no discurso. In: CAVALCANTE, Mônica M. et al. (orgs.). *Texto e Discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos*. Vol. 2. Rio de Janeiro, Lucerna, 2007. CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULA, Alena. (orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

CHAFE, Wallace. Cognitive Constraints on Information Flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: John Benjamin, 1987.

CHARROLES, Michel. Anaphore associative, estéréotype et discours. In: SCHNEDECKER, C. et a. (eds.) *Le Anaphore Associative*. Paris: Klincksieck, 1994. p. 67-92.

FREGE, G. *Sobre o sentido e a referência: Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978 [1892]

KLEIBER, G. *L'anaphore associative*. Paris: PUF, 2001.

KLEIBER, G. *La sémantique du prototype*. Paris: PUF, 1990.

KOCH, Ingedore V. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 41. p. 75-89. Campinas-SP: IEL, 2001.

KOCH, Ingedore V.; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.* vol. 14. no. Especial. 1998. p. 169-190.

KOCH, Ingedore V; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Standford: Standford University Press, 1987.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARCUSCHI, L. A.. Léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. de. *Sentido e Significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 263-284.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore V; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CALVACANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PRINCE, Ellen F. Toward a taxonomy on the given/new information. In: COLE, P. (ed.) *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 223-255.

SCHWARZ, M. *Indirekte Anaphern in Texten*. Studien zur domänebundenen Referenz und Kohärenz im Deutschen. Tübingen: Niemeyer, 2000.

ZAMPONI, Graziela. Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da linguagem. Campinas-SP, 2003.

WEBBER, B. L. Tense as discourse anaphor. 1988. Disponível em <http://acl.ldc.upenn.edu/J/J88/J88-2006.pdf>. Acesso em 23 de out. 2011.